
*A POSIÇÃO INTERMÉDIA DA ESTILÍSTICA
ENTRE A LINGÜÍSTICA E A LITERATURA*

Eliane Ferraz Alves*
Maria da Salete Meira de Souza**

A interpenetração dos estudos lingüísticos, estilísticos e literários parece ser, hoje em dia, um fato bastante natural. Estes estudos acham-se, de um certo modo, interligados e delimitar as suas fronteiras requer um exame cuidadoso.

A Estilística, por ser a ciência do estudo lingüístico, tem como principal papel depreender e explicar os fatos expressivos da linguagem. A Literatura, navegante do campo da totalidade expressiva, não existe sem um mínimo de reflexão sobre a linguagem. Por sua vez, a Lingüística, como o estudo científico de línguas, cobre, necessariamente, todos os aspectos deste estudo, todos os usos e todos os estilos.

A aproximação entre estes três campos de estudo, nos leva à reflexão das seguintes questões:

— o fato de a Lingüística ser vista, por alguns estudiosos, como uma

* *Professora de Linguística na UFPB*

** *Professora de Linguística na UFRN*

macrociência que engloba tanto os estudos literários como os estudos estilísticos;

— o longo domínio dos estudos literários sobre os estudos estilísticos e lingüísticos cujos efeitos podem ser observados na atenção que alguns estudiosos dispensaram apenas à linguagem escrita e aos estilos de autores muito conhecidos e respeitados;

— a delimitação do campo da Estilística.

A Estilística ocupa uma posição intermédia entre a Lingüística e a Literatura. Surgiu como ciência na primeira década deste século e recebeu, como contribuição para o seu desenvolvimento, as idéias de duas correntes filosóficas: o *idealismo* e o *positivismo*. Estas correntes fizeram com que a Estilística se bifurcasse em dois estudos distintos: a *estilística da expressão* e a *estilística do indivíduo*. À parte surgiu a crítica tradicional do estilo que é subjetiva e puramente apreciativa.

A *estilística da expressão ou descritiva* estuda as relações da expressão com o pensamento. Limita-se pois, ao fato lingüístico em si. Opõe-se à *estilística do indivíduo ou genética* que estuda as relações da expressão com o indivíduo ou da coletividade que a cria e a emprega isto é, estuda o modo como o usuário emprega os recursos estilísticos que lhe estão ao dispor. A primeira é a estilística dos efeitos e depende da semântica, a segunda é a das causas e condiz com a crítica literária.

A *estilística da expressão* corresponde à estilística de Bally. Esta se apresenta como uma extensão da lingüística saussuriana no domínio dos fatos expressivos. Tem como objeto o estudo do conteúdo afetivo natural ou evocador. Coloca o interesse da Lingüística sobretudo na linguagem intelectual e propõe o estudo da linguagem afetiva prendendo-se mais à língua falada. A Estilística vista sob esta concepção, como observa Pierre Guiraud (1978:73), não é uma nova parte da lingüística, mas sim, um aspecto particular da expressão, que interessa a todos os elementos da língua.

A *lingüística positivista* da escola de Saussure consagrou-se ao estudo dos fatos de língua, da soma dos traços estilísticos originais de um autor ou de uma obra, deixando à crítica e à explicação dos textos o trabalho de integrá-los em suas situações específicas. Esta lingüística pretende manter autônoma uma ciência do estilo, que permanece no plano da forma lingüística e cuja tarefa consiste em proporcionar definições, classificações e observações à crítica. Guiraud ressalta ainda: "há uma macro e uma micro estilística puramente lingüística e uma estilística aplicada à crítica literária. Ambas se complementam - permanecendo autônomas, segundo alguns - confundin-

do-se na opinião de outros". (1978:93). Essa estilística aplicada à crítica literária é a estilística idealista (do indivíduo ou genética segundo Guiraud, Vossler e Spitzer). É também chamada de *crítica estilística e estilística literária*. Para Spitzer, a crítica literária é imanente à obra e nela, e não fora dela, deve a crítica manter-se. A força de coesão interna da obra é o próprio autor em torno do qual gira todo o conteúdo significativo da obra. Recusa a divisão tradicional entre o estudo da língua e o estudo da literatura. A Estilística é lançada por ele como uma ponte entre a lingüística e a história literária. (Cf. GUIRAUD, 1978:95)

Mattoso Câmara, em seu trabalho *Contribuição à Estilística Portuguesa*, observa que o papel da Estilística é depreender todos os processos lingüísticos que permitem a atenção da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectual. Propõe uma lingüística propriamente dita (estudo da língua enquanto sistema representativo) e uma estilística ou lingüística do estilo (estudo da língua enquanto sistema de expressividade). Enquanto a estilística de Bally se ocupa de textos não-literários, a estilística de Mattoso só concebe um estudo estilístico em textos literários. Conceitua a Estilística como sendo uma "disciplina lingüística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem isto é, a sua capacidade de emocionar e sugerir". (1968:142)

Neste conceito de Mattoso Câmara, podemos sentir a estreita relação da Estilística com a arte literária que também se caracteriza pela emoção, pelo que sugere, por aquilo que é belo em si. Para Roland Barthes, "durante muito tempo, o estudo da literatura [em França] concedeu uma parte menor do texto, "estilo" ou a "língua do escritor", a um departamento marginal, da ciência das linguagens, a filosofia" (BARTHES, 1976:1). Todorov nos ensina que a linguagem só poderá ser compreendida se aprendermos a pensar na sua manifestação essencial, a literatura (1976:206). Portanto, há entre a língua e o estilo uma ambivalência que pode ser descrita como homogênea quando se trata de um texto literário. Como se sabe, a forma estética da língua (entenda-se aqui na sua postura escrita) é o campo que pertence ao estilo. E como o estilo é formado a partir de uma estrutura da linguagem, pertence também ao âmbito da lingüística.

O estudo da lingüística surge sustentado na filosofia positivista e nas classificações das leis físicas das ciências naturais, definindo-se como a ciência que considera a língua como objeto concreto, divisível em elementos simples e isoláveis (GUIRAUD, 1978:47). Foi o grupo de lingüistas da Escola de Genebra que modificou a postura da Lingüística, atacando os

neogramáticos e recusando a atitude de que a linguagem estava baseada em princípios imutáveis das leis da natureza, sendo, portanto, uma criação do espírito humano. Para Saussure, a linguagem é um círculo de comunicação, “um sistema de sinais destinados a transmitir o pensamento. (1978:51) No entanto o que é relevante ao estilo da teoria lingüística do mestre de Genebra é sua dicotomia “langue” e “parole”, que nos leva à concepção de uma linguagem criadora, portanto, artística, e outra estática, fixa, pertencendo à coletividade e que os indivíduos não podem modificá-la. Por outro lado, os estudos derivados da teoria de Saussure relutam em aceitar o estudo e a sistematização do estilo individual, porque o consideram como um “ato livre, isolado, original e incomensurável, escapando, portanto, à observação, à análise e a classificação”. (GUIRAUD, 1978:52)

Segundo Guiraud, os autores que continuam partidários de inventários pormenorizados, enumerações e classificações “relutam em afastar-se da substância do texto, grudam-se à língua com uma prudência um tanto meticulosa e que parece irrisória aos que amam os mitos e as vastas sínteses”. (1978:109)

Mas, se os estudiosos da escola de Saussure não concordam com o estudo do estilo individual, em compensação consideram o estudo do estilo na “langue”. Analisando a interrelação existente entre a linguagem e as comunidades sociais, culturais, etc. Contudo, este estudo do estilo “da langue” busca, principalmente, através dos estudiosos da escola saussuriana, reforçar a idéia de que “a lingüística tem por fim e objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. (ROBINS, 1979:163)

Sob os ditames da nova crítica surgida na França no período pós-guerra, a Estilística ganha novo alento e transforma-se numa ciência representativa de um sistema lingüístico e social. Um dos representantes desta postura é Roland Barthes. Para ele, o estilo é uma “linguagem autárquica que mergulha somente na mitologia pessoal e secreta de um autor...” enquanto a escrita é “o resultado de uma intenção e de uma escolha.” (Apud GUIRAUD, 1978:130)

Segundo Helmut Hatzfeld (1956) a delimitação do campo de estudo da Estilística, ou seja, a determinação de seu campo de investigação vai depender da posição que se assume ou melhor, do fim que se deseja alcançar: se o fim é uma gramática da linguagem afetiva, as atitudes psicológicas vão aparecer refletidas na fonologia, no vocabulário, na formação de palavras e na sintaxe, somente o método de Bally pode ajudar; se o fim é a caracterização de uma linguagem nacional ou de suas etapas históricas, deve ser utiliza-

do o método estruturalista; se o objetivo é a interpretação do estilo em uma determinada época, os historiadores da arte são os melhores guias. Hatzfeld conclui que a utilização de um único método de investigação para a Estilística é impossível como também o é para qualquer ramo das ciências humanas.

Com relação à estreita ligação que há entre a Linguística e a Literatura, concordamos com a opinião de Robins quando afirma:

Linguística e estudo literário não operam na totalidade de um campo comum, nem procedem da mesma forma; mas dentro da matéria de estudo de ambos seria razoável ver alguns pontos em comum e a oportunidade de colaboração proveitosa. (1981:375-376)

Em todas as formas de literatura, parte da avaliação estética, seja da habilidade do autor ou da obra em si, escrita ou falada, depende do uso específico do material empregado, isto é, a constituição fonética, gramatical e léxica da língua (ou de seu dialeto). (Idem, ibidem)

A literatura, considerada como uma expressão, por um motivo ou outro, digna de preservação por seus próprios direitos, é esteticamente valiosa, é uma forma de uso presente em todas as culturas conhecidas até hoje, tenham elas uma escrita ou não. (Idem, ibidem)

Assim sendo, o estudo dos fatos expressivos da arte literária deve ser feito pela ciência que se ocupa privilegiadamente com a expressão - a Estilística, que deve ter como preocupação duas tarefas: o levantamento dos procedimentos lexicais, fonéticos, mórficos e sintáticos utilizados pelo artista e a explicação dos motivos que o levaram a fazer estas escolhas.

Bibliografia

BARTHES, Roland et al. *Linguística e literatura*. Coleção Signos 9. Lisboa: Edições 70, 1976.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

GUIRAUD, Pierre/KUENTZ, Pierre. "La stylistique entre la linguistique et la littérature". In: *La stylistique - Lectures*, Paris: Klincksieck, 1970.

HATZFELD, Helmut. "Métodos de investigación estilística". *Revista de ideas Estéticas*, 14, 1956, 63-83.

VOSSLER, K./SPITZER, L./HATZFELD, H. *Introducción a la estilística romance*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1932.

ROBINS, R. H. *Linguística geral*. 2. ed. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1981.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico/INL, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

TODOROV, T. "A Gramática da Narrativa". In: BARTHES, Roland et al. *Linguística e Literatura*. Coleção Signos 9. Lisboa: Edições 70, 1976.